

Maria
Um sim a Deus

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Amorth, Gabriele

Maria : um sim a Deus / Gabriele Amorth ; tradução de João Paulo Bedor.
- São Paulo : Paulus, 2025.
(Coleção Temas Marianos)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-5717-5

Título original: Maria : un sì a Dio

1. Maria, Virgem, Santa 2. Mariologia I. Título II. Bedor, João Paulo III. Série

25-1512

CDD 232.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Maria, Virgem, Santa

Coleção **TEMAS MARIANOS**

- *Aparições de Nossa Senhora: suas mensagens e milagres*, Ernesto Roman
- *Viver com Maria*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos*, Clara Temporelli
- *Virgem Maria: Mãe em plenitude*, bem-aventurado Maria-Eugênio do Menino Jesus
- *Caminhar com Maria para seguir Jesus*, José Adriano Gonçalves
- *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, Kathleen Coyle
- *Maria: um sim a Deus*, Gabriele Amorth

Gabriele Amorth

Maria

Um sim a Deus

Tradução:

Pc. João Paulo Bedor, ssp



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Maria: Un Sì a Dio*

© 2019 Edizioni San Paolo s.r.l

Piazza Soncino 5 – 20092 Cinisello Balsamo (Milano) - ITALIA

www.edizionisanpaolo.it

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuiheber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Darlei Zanon

Tatianne Francisquetti

Marcus Vinicius

Design

Gustavo Gomes

Alicia de Sousa Camelo

Imagens

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5717-5

Índice

Prefácio: Encontro com Maria	7
I. <i>Nasce a nossa Mãe</i>	11
II. <i>Não há culpa em ti</i>	15
III. <i>Aquela que escolheu Deus</i>	21
IV. <i>José: amigo e esposo</i>	25
V. <i>O anúncio a Maria</i>	29
VI. <i>Duas mães e o Espírito</i>	35
VII. <i>O cântico de alegria</i>	39
VIII. <i>Um justo sob pressão</i>	43
IX. <i>Venha para a minha casa</i>	47
X. <i>Nasceu o Salvador</i>	51
XI. <i>Os pobres na primeira fila</i>	55
XII. <i>O nome da salvação</i>	59
XIII. <i>A contradição e a espada</i>	63
XIV. <i>Os pagãos em adoração</i>	67
XV. <i>Do exílio à pátria</i>	71
XVI. <i>Um adolescente desconcertante</i>	75
XVII. <i>Um Deus carpinteiro</i>	79
XVIII. <i>Água, vinho e sangue</i>	83
XIX. <i>Oculto e à espera</i>	87
XX. <i>Não há dor maior que a minha</i>	91

XXI. <i>A fé no Ressuscitado</i>	97
XXII. <i>Fogo do céu</i>	101
XXIII. <i>Um corpo no paraíso</i>	105
XXIV. <i>Surgiu um grande sinal</i>	111
XXV. <i>A Igreja tem uma Mãe</i>	115
XXVI. <i>Coração sem mancha</i>	119
XXVII. <i>A vós me consagro</i>	123
XXVIII. <i>Ofereço-vos o meu mundo</i>	129
XXIX. <i>Uma corrente de orações</i>	135
XXX. <i>Amanhecer, meio-dia, anoitecer</i>	141
XXXI. <i>Todos unidos para o Reino</i>	145
Apêndice: Ato de consagração	151
Fórmula breve	153
Outra fórmula de consagração	155
Nota bibliográfica	157

Prefácio

Encontro com Maria

*“O Filho de Deus, Jesus Cristo, não foi ‘sim’ e ‘não’, mas somente ‘sim’”
(cf. 2Cor 1,19)*

A principal finalidade deste livro consiste em pôr em devida luz a pessoa humana de Maria, como é apresentada a partir dos textos sagrados e dos estudos sobre a época em que viveu. O leitor poderá distinguir por si mesmo tudo o que é certo, porque narrado pelos evangelistas, e o que é provável, pois baseado nos supostos costumes daquele tempo. Não há dúvidas de que existem também incertezas a respeito da interpretação dos textos bíblicos, tão densos de significados e distantes da nossa cultura para serem totalmente compreendidos. Mas as dificuldades não devem paralisar-nos no esforço de conhecer cada vez melhor o rosto daquela que é a Mãe de Jesus e nossa Mãe.

Os biblistas insistem de forma veemente em nos dizer que a Sagrada Escritura é um anúncio de salvação. Também os Evangelhos têm evidente escopo catequético. Este conceito nos dá a chave para compreender os textos sagrados e o critério usado pelos autores inspirados na escolha dos episódios que narraram. Tudo o que neles foi escrito tem valor salvífico; os episódios históricos aconteceram realmente, mas o escritor sagrado escolheu apenas os que seriam necessários para anunciar a mensagem da salvação. Esse é o critério-base da interpretação. Para o leitor resultará certa surpresa, talvez a impressão de se querer complicar as coisas, quando perceber o valor dos episódios que era costume interpretar com certo simplismo; mas poderá agora apreciá-los em profundidade. Esse mesmo critério explica-nos o silêncio dos Evangelhos, por exemplo, sobre o que se refere ao aspecto físico

de Jesus, à família de Nossa Senhora, à morte de José... São fatos que se revestem de importância para o nosso interesse histórico-biográfico, mas que não têm valor para o anúncio da mensagem, e por isso não aparecem.

Procuramos o rosto humano de Maria, conjuntamente com o seu papel no plano da salvação, para compreender o segredo da sua grandeza e evitar o risco de transformar a Virgem numa abstração de santidade, ou numa figura privada de personalidade. O Evangelho descreve-a como humilde e pobre, com vida interior complexa, compreensão sofrida e progressiva, mas sempre com atitude de quem aceita a vontade de Deus sem impor condições e sem pedir explicações ou garantias. É-nos apresentada na contínua renúncia aos seus planos pessoais e às suas projeções, para assim poder se inserir nos desígnios divinos.

O título – *Maria, um sim a Deus* – pretende evidenciar o aspecto mais característico da Virgem de Nazaré: sua adesão contínua à vontade de Deus, com fé e obediência heroicas, em abandono de amor total e responsável. Quer evidenciar a importância desse “sim” no desenrolar da redenção, e o poderoso apelo feito a cada um de nós, para conformarmo-nos a todo o custo à vontade do Pai. A *Lumen Gentium* (LG) afirma: “O Pai das misericórdias quis que a aceitação, por parte da que ele predestinara para mãe, precedesse a encarnação, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, também outra mulher contribuisse para a vida” (LG, n. 56). Eva é a mulher do “não”, a mulher da desobediência; Maria é a mulher do “sim”, em toda a sua vida. Um “sim” ininterrupto dado ao Pai, que delineou a imitação e a colaboração de Maria em vista da obediência do Salvador: “O Filho de Deus, Jesus Cristo, não foi ‘sim’ e ‘não’, mas somente ‘sim’”. Assim afirmou São Paulo, o teólogo da obediência salvífica de Cristo.

“A finalidade última do culto à Bem-aventurada Virgem Maria é glorificar a Deus e levar os cristãos a aplicarem-se numa vida absolutamente conforme a sua vontade” (*Marialis Cultus*, n. 39). Essa finalidade é melhor alcançada se aprofundarmos o estudo de Maria, ajudando no desenvolvimento da sua devoção, que Paulo VI nem hesitava em chamar “elemento qualificante da genuína piedade da Igreja”.

E acrescentava: “O culto a Maria, subordinado ao culto a Cristo, espelha o papel singular que a Mãe de Deus, por vontade divina, teve no plano da salvação” (MC, *Introdução*).

A razão principal do presente trabalho é ajudar a conhecer Maria; creio que será para todos uma alegria compreender esta nossa irmã e mãe, que pela sua fé agradou a Deus acima de qualquer outra criatura: fé plena, sustentada apenas no abandono confiante à palavra de Deus, apesar de um conhecimento sempre imperfeito, limitado, progressivo. Após essa tarefa, dedicamos alguns capítulos a uma forma de devoção mariana que resume o culto a Maria, e que nestas últimas décadas foi progressivamente se estendendo: *a consagração ao seu Imaculado Coração*.

Para ajudar as paróquias e os grupos de oração, no final de cada capítulo mencionamos leituras bíblicas apropriadas, que se podem adotar para as celebrações cotidianas da Eucaristia ou da Palavra. Queremos assinalar o perigo do hibridismo, denunciado pela *Marialis Cultus* (MC): “Acontece, algumas vezes, que na própria celebração do sacrifício eucarístico são inseridos elementos que fazem parte de novenas ou de outras práticas piedosas, com o perigo de o memorial do Senhor não constituir o momento culminante do encontro da comunidade cristã, mas ser como que a ocasião para algumas práticas devocionais. [...] que se harmonizem os piedosos exercícios com a liturgia e não que se confundam com ela” (MC, n. 31).

Não nos parece que se possa cair neste perigo quando a escolha de outras leituras bíblicas for permitida pelo calendário litúrgico, e quando a temática mariana for tratada no seu contexto natural, que é o papel de Maria no plano da salvação, com seu centro no mistério pascal.

O autor

I *Nasce a nossa Mãe*

Nazaré é hoje uma graciosa cidade sobre uma colina, a 350 metros acima do nível do mar, quase no centro da Baixa Galileia, ou seja, na região mais ao norte de Israel, fazendo fronteira com os montes de Golã, disputados com os sírios. Nos tempos de Maria, era uma pequena e insignificante vila, que nunca foi nomeada no Antigo Testamento, nem por Flávio Josefo, nem no Talmude. As casas, construídas na encosta da colina, eram na maioria escavadas na mole pedra calcária: bastava acomodar-lhes à entrada da gruta um pequeno átrio com porta; sobre o pavimento de argila batida estendia-se à noite uma esteira de palha que servia de colchão. A luz só entrava pela porta ou então por alguma fenda escavada na pedra, ao alto.

Provavelmente foi ali que nasceu Maria, por volta do ano 20 a.C.; foi um pequeno acontecimento de alegria familiar, e ainda hoje não há certezas sobre qualquer dado. Nada sabemos da sua família, que podia pertencer a qualquer uma das tribos israelitas. Sobre os pais, sabemos apenas que eram santos, e como tais foram glorificados pela Igreja nascente, indicados pelos nomes de Ana e Joaquim. Esses nomes foram transmitidos pelo *Protoevangelho de Tiago*, livro apócrifo cheio de elementos fantasiosos que dificultam estabelecer o que traz de verdadeiro. Também este é um detalhe de pouca importância, porque o culto é atribuído às pessoas: é certa a existência e a santidade delas, pouco importando a exatidão de seus nomes, já atestados desde o século II.

Sabemos com certeza é que à menina foi dado o nome de Maria, muito comum na época, e que significa *amada-de-Deus*. Até mesmo sobre o significado desse nome há incertezas, mas preferimos a interpretação que provém da raiz egípcia da palavra. De fato, a primeira vez

que esse nome aparece na Bíblia é atribuído a uma menina hebreia, nascida durante a escravidão no Egito: a irmã de Moisés e Arão, dois nomes seguramente egípcios, pelo que é provável que também o nome da sua irmã fosse egípcio.

Sobre o ano de nascimento da Virgem, podemos apenas contar com critérios de probabilidade, sugeridos pelo nascimento de Cristo (o ano 6 antes da era cristã) e pela idade aproximada das jovens em idade de noivarem, como veremos mais à frente. É interessante notar que naquele mesmo ano, 20 a.C., Herodes, o Grande, iniciou a reconstrução do templo: é sugestivo pensar que tenham início contemporaneamente tanto o templo de pedras quanto o verdadeiro templo de carne, que o Senhor preparava para si.

O estilo de vida na vila era muito modesto. As crianças de até 5 anos ficavam sempre com a mãe, ou livremente brincavam juntas. Se começavam a fazer algum pequeno trabalho, era mais para imitar os adultos e projetar-se numa futura atividade do que para prestar uma verdadeira ajuda. Após os 5 anos, os meninos começavam a aprender a ler (naturalmente a Bíblia, na sinagoga), além de lhes ser progressivamente ensinado um trabalho manual, quase sempre o mesmo do pai, que passava a ser o principal responsável pela sua educação.

As meninas levavam uma vida mais retirada, inteiramente confiadas à mãe, e eram aos poucos destinadas a trabalhos da casa: cozinhar, amassar a farinha, assar o pão, secar as uvas ou os figos que seriam conservados, limpar a casa; aprendiam a fiar, a tecer e a costurar as simples vestimentas do tempo; deviam também ocupar-se dos animais domésticos e do trabalho no campo. Uma atividade cotidiana, totalmente feminina, era ir ao poço buscar água. Em Nazaré, havia uma única nascente, que hoje se chama *Fonte da Virgem*. É natural pensar que o poço fosse o lugar de encontro para troca de informações e de breves conversas entre as mulheres à espera da sua vez. É fácil imaginar que também Nossa Senhora, com o seu vaso na cabeça, tenha bem cedo começado a ir ao poço, e tenha depois continuado a fazer esse serviço durante os anos que viveu em Nazaré.

Quando a família era praticante (também entre os judeus havia os indiferentes à religião), era muito importante a educação religiosa,

transmitida, sobretudo, pelos pais. Todos os dias os homens recitavam em voz alta, pela manhã e à noite, a longa oração do *Shemá*, composta por três frases bíblicas. As mulheres seguiam-na mentalmente e, como sua obrigação, recitavam três vezes em cada dia uma oração mais breve, chamada *as dezoito bênçãos*.

Mas não era tudo. O judeu piedoso nunca conheceu a distinção entre sagrado e profano: tudo é sagrado. Na vida pública, a sociedade teocrática era caracterizada pela unificação dos poderes políticos com os poderes religiosos. Na vida privada, cada ato do dia, cada gesto significativo e cada situação eram oferecidos a Deus em forma de louvor; conhecemos mais de cem *bênçãos* utilizadas livremente em momentos apropriados.

Todo sábado (e também nas segundas e quintas-feiras, na leitura da Sagrada Escritura), a comunidade se reunia na sinagoga para rezar, para escutar a leitura da Escritura e a explicação que se seguia. Não devemos pensar na sinagoga como nas nossas igrejas paroquiais. Para os judeus havia um único templo, o de Jerusalém, sublinhando a unicidade de Deus; só no templo se ofereciam sacrifícios. A sinagoga era um edifício menor ou maior, segundo as exigências da comunidade, composto por uma sala na direção do templo de Jerusalém, porque todos os judeus rezavam voltados para o templo, em qualquer nação em que se encontrassem. Como não se faziam sacrifícios, não havia altar, mas só um armário sagrado (lembrança da arca) para guardar os rolos da Escritura. O chefe da sinagoga, como os rabinos de hoje, não era sacerdote, mas um israelita piedoso que conduzia a reunião. Durante a celebração, cobria-se com o manto da oração, o *tallit*; mas qualquer membro da comunidade, ou hóspede de passagem, podia substituí-lo. Qualquer homem tinha, na sinagoga, plena liberdade para tomar a palavra, depois de completar 12 anos de idade: bastava vestir o *tallit* e podia ler e explicar a Sagrada Escritura. As mulheres escutavam num lugar à parte, atrás dos homens, num espaço reservado.

A comunidade se reunia também para as celebrações das festas judaicas, três delas eram as principais: a Páscoa, o Pentecostes e a festa das Tendias (ou dos Tabernáculos). Quem já tinha 12 anos e estava a um dia de caminhada de Jerusalém tinha a obrigação de ir à Cidade

Santa nessas três ocasiões. Os outros celebravam as festas onde se encontravam, e iam a Jerusalém quando possível, especialmente pela Páscoa, que era a festa principal, de acordo com a própria piedade e com a distância.

É compreensível que, numa família muito observante, o cântico dos Salmos e dos hinos bíblicos fosse habitual mesmo fora das horas de oração, durante o trabalho.

Foi nesse ambiente que Maria nasceu. A liturgia festeja com solenidade particular a memória do seu nascimento, comemorado a 8 de setembro, abrindo uma exceção ao uso comum: para os santos, o dia festejado é o dia do nascimento no céu ou entrada na bem-aventurança celeste, ou seja, o dia da sua morte. Além do Natal do Senhor, a Igreja festeja apenas mais dois nascimentos: o de Maria e o de João Batista. Não há dúvida de que esta tradição é ditada pela relação, embora diferente, que estes dois nascimentos têm com a redenção.

Maria é a obra-prima de Deus; com ela a criatura humana foi elevada pela graça à máxima aproximação a Deus, pela missão que lhe foi predestinada. Mas há outro motivo ainda mais forte, o porquê da importância histórico-salvífica: ao seu nascimento está ligado o advento da salvação, a Encarnação do Unigênito de Deus. Por isso, a liturgia do dia convida à exaltação porque “este é o dia em que o Criador do universo construiu o seu templo; o dia em que, por um projeto magnífico, a criatura se tornou morada eleita do Criador”.

Os dois conceitos dominantes são expressos nas invocações a Maria, como aurora que anuncia o sol da salvação e como morada de Deus. Convocam à gratidão pela obra da redenção que se inicia, e às disposições de ânimo que cada cristão, também ele chamado a ser templo vivo de Deus, deve ter.

Liturgia da Palavra (missa de 8 de setembro):

Miqueias 5,2-5 – *Aquela que devia dar à luz.*

Mateus 1,1-23 – *Genealogia de Cristo.*

II

Não há culpa em ti

A descrição do ambiente em que viveu Maria irradia certa luz sobre a sua formação. Da sua infância sabemos poucas coisas, mas essenciais.

Nela, o clima religioso da família teve plena correspondência, pois realmente era alimentada pelos preceitos do Senhor, que lhe regiam o ritmo. O eixo fundamental sobre o qual girava a fé de Israel era a adesão ao Deus único, criador de tudo o que existe, e que amava Israel como seu filho, seu povo, sua esposa. Deus revelou-se diretamente a Israel: instruiu-o para que caminhasse pelos seus caminhos e tornou-o depositário das suas grandes promessas de redenção.

A história de Israel não é outra coisa senão o cruzamento de uma contínua relação entre Deus e seu povo: figuras grandiosas e figuras desprezíveis, traições e fidelidades, escravidão e liberdade sucedem-se ao longo de uma trajetória ininterrupta (não são também assim nossas relações pessoais com Deus, de que a história do povo judeu é um sinal?). Dela, porém, emerge a absoluta fidelidade de Deus e a realização dos seus planos.

Quanto mais Maria aprofundava o conhecimento das Escrituras, mais a sua alma aderiu sem reservas ao amor de Deus fiel e ciumento, que constituía toda a grandeza do seu povo. Nem lhe podia escapar um fato que se tornara evidente na história passada e contemporânea dos judeus: eles tinham sido sempre um povo muito pequeno, insignificante, comparado com as grandes nações conhecidas: egípcios, assírios, babilônios, gregos, romanos... Toda a grandeza de Israel deve ser vista sob um plano diverso da potência humana e da vastidão do território. Consistia no amor de Deus, na escolha preferencial